

A COORDENADORA PEDAGÓGICA E OS PÉS SUJOS DE JOSÉ: A HABILIDADE NO OLHAR¹

Edvania Chaves de Campos dos Santos*
Esmeraldo Alves dos Santos Sobrinho**

RESUMO

A habilidade do olhar de uma coordenadora, em um projeto social no interior de Pernambuco, para enxergar além dos “pés sujos de José”; a sua capacidade do olhar, inerente aos fios de conhecimento de Tardif (2002); a sua sensibilidade do ponderamento da resignificância dos quatro pilares da educação em uma praticidade ímpar e a humanidade educacional sendo co-trabalhada espelhada na experiência da afetividade. São pontos abordados neste artigo sobre a história de José o menino dos pés sujos que mudou o seu mundo e o de sua coordenadora. Metodologicamente apresentar-se-á em uma abordagem qualitativa com estudo de caso numa pesquisa etnográfica, durante um período de oito meses, cujo universo de estudo se deu na cidade de Panelas-PE em um projeto social mantido pela prefeitura local. Resultou, então, na conscientização da importância da participação da família e de todo entorno socioeducativo à ação da transformação, bem como quebra de paradigmas e construção de um sentimento de pertencimento nos alunos.

PALAVRAS CHAVES: Habilidade no olhar, educação humanizada, transformação do conhecimento.

¹Artigo apresentado à Faculdade Adventista de Educação do Nordeste como requisito para obtenção do grau de Especialização em Gestão Educacional.

*Acadêmica, graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia, cursando Formação em Psicoterapia Sistêmica da Família, Casal e Individual. E-mail: vania.camppos@gmail.com

** Professor no curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Bahia com especialização em gestão e planejamento escolar. Orientador específico deste artigo.

ABSTRACT

The ability of the look of a coordinator in a social project in the interior of Pernambuco, to see beyond the "dirty feet of Joseph" The ability of the eye, inherent wires knowledge of Tardif (2002), The thoughtful sensitivity and resignifiace of the four pillars of education in a practical and unique human being co-educational worked mirrored the experience of the affect. These points are discussed in this article on the history of Joseph dirty feet of the boy who changed his world and his coordinator. Methodologically will be present in a qualitative approach with a case study ethnographic research over a period of eight months, whose universe of study gave the city of Panelas-PE in a social project maintained by the local municipality. Then resulted in awareness of the importance of involving the family and all social and educational environment willaction of conversion, and break paradigms and building a sense of belonging in the pupils...

KEY WORDS: Ability in the look, humanized education, transformation of knowledge

APRESENTANDO JOSÉ

Somos vozes num coro que transforma a vida vivida em vida narrada e depois devolve a narração à vida, não para refletir a vida, e sim, mais corretamente, para agregar-lhe algo; não uma cópia, mas uma nova dimensão; para agregar com cada novela algo novo, algo mais, à vida. (CARLOS FUENTES, 1990, apud GOOLISHIAN e ANDERSON, 1996, p. 191).

Panelas de Miranda localiza-se no Agreste Meridional, aproximadamente 200 km da capital pernambucana, cidade do Recife. Não havendo muitas opções de trabalhos, lá se vive basicamente dos trabalhos oferecidos pela prefeitura e da agricultura, boa parte desta população sobrevive com o recebimento de benefícios sociais como: bolsa família, vale gás etc. O comércio ainda demonstra-se muito restrito á atender algumas demandas de empregos. Ali se encontra José, reside em uma palafita (isto se puder considerar que aquela palafita é mesmo uma residência, quase que caindo, possivelmente ainda sustentada por mãos invisíveis, quem sabe as dos anjos que o protege) ali com mais seus quatro irmãos e seu pai que pouco se faz presente em "casa". Numa população com aproximadamente 30 mil habitantes quem perceberia que José estaria precisando de ajuda?!

O Conselho Tutelar era uma das poucas visitas que ele tinha e que afinal, não despertava nem uma alegria a sua alma... José estava matriculado em um projeto social cujo o nome parecia definir o seu desejo “Projeto Renasce uma Esperança” mais entre os quase trezentos e cinquenta matriculados e entre tantos “Josés” quem perceberia José!? Era apenas mais um nas estatísticas frias das políticas públicas educacional... Assim vive José.

“José...” uma figura ímpar. Com quase seus dez anos parecia brigar com o tempo em busca de uma maturidade requerida por todos: pela diretora: “*José você já é grandinho comporte-se*”; pelo monitor: “*José! para com essa correria... vá para sala!*”; pela professora: “*José você precisa estudar já não é mais tão criança!*”; pela cozinheira: “*José! seja mais educado nas refeições, parece bicho, não respeitando a fila e comendo como bicho!*” “... José! José!...” Todas as manhãs José aparecia, camisa suja, cabelo despenteado, sandália surrada, pés sujos, olhos ainda demonstrando que possivelmente José não tocava na água desde o dia anterior. Da chegada à saída ele mais parecia que era o monitor da escola, pois não parava um só instante.

Quando era dado o sinal para merenda ele corria com todas as forças que suas pequenas e finas pernas podiam proporcionar-lhe, às vezes não conseguia ser tão rápido quanto os maiores ficando quase no final da fila, então, envolvido numa chateação e como se sentindo o maior de todos, o mais forte, resolvia encarar e sair empurrando todos na frente até atingir seu objetivo: ser o primeiro na fila. Achando que isso lhe daria mais comida, porém, era logo despertado para a realidade ao levar um pesado tapão: “*Isso é pra deixar de ser exigiro!*” (expressão usada para introneteado) – falava o colega que encontrava-se a sua frente na fila. E José saía ao seu lugar na fila chorando... Era assim até que um dia alguém começou observar José. O que José fazia quando não estava na escola? O que fazia com que ele se interessa-se por mais nada a não ser discutir com os colegas e comer? Quem eram os pais de José, O que mais importava para José em sua vida?

Observar é evidentemente registrar o que pode ser verificado. Mas registrar e verificar é ainda analisar, é ordenar o real em fórmulas, é fazer-lhe perguntas. É a observação que permite levantar problemas, mas são os problemas levantados que tornam possível a observação. (WALLON, 1975, apud ALMEIDA, PLACCO, 2007, p. 47).

A coordenadora resolveu pragmatizar (sentido de tornar prático) suas observações por meio de questionamentos simples, porém que fariam José dar-lhe um retorno:

-“José! Preciso que me ajude a chamar os alunos pra sala, você poderia?”.

-“José acha que poderia me ajudar a organizar a fila do refeitório?”.

-“José posso contar com você nas aulas lá na horta?!”.
-“José preciso que me ajude na monitoria dos brinquedos?”.

-“José amanhã eu vou visitar você! Posso?”.

Esta era a nova coordenadora daquele espaço escolar, que ao chegar logo se interessou no menino José. Coordenadora de disciplina, ética, cidadania e religiosidade. Nome grande demais para que a cabeça de José pudesse entender. Porém ele compreendia muito bem o que significava aquela coordenadora: *“uma mulher que olha pra gente como gente”, “uma mulher que me dar atenção”*... Ele compreendia que ela se fez capaz de diferenciar normas, fatos e afetos, transmitindo muito mais que um simples papel social de educadora:

Se não sou capaz de estabelecer a diferença entre uma norma, um fato, um afeto, um papel social, uma opinião, uma emoção, etc., sou um perigo público numa sala de aula, pois sou incapaz de compreender todas as sutilezas das interações com os alunos em situações de ação contingentes. (TARDIF, 2002, p.180).

Passou-se dois meses e observou-se que José começou a não mais perturbar com tanta frequência os monitores. Quando dava-se o sinal para o lanche José não mais corria, ele já estava no refeitório junto à coordenadora, ajudando, e algumas vezes já havia lanchado primeiro para poder estar mais tranquilo na execução de sua tarefa: auxiliar de monitoria. E as aulas? José passara a ficar mais tempo em sala de aula, é bem verdade que não ficava o tempo todo, porém, já ficava bem mais do que antes. Ele era o ajudante monitor. José não mais roubava os brinquedos ou quebrava, ele agora anotava quem gostaria de brincar e de levar emprestado e cobrava depois, aprendera que assim todos poderiam usar mais e por, mas tempo. Antes vivia fugindo deixando os monitores ‘loucos’ a sua procura se escondia em bueiros e perigosamente fugia para represas de água que existem

próximas. Uma das vezes que fugiu a coordenadora pediu que os monitores não fossem atrás apenas comunicassem à família que ele havia saído sem permissão e que assinassem o comunicado tomando conhecimento do fato. (Trabalhando a disciplina com limites, e participação da família no processo disciplinar). Para surpresa ele retornou sem precisar tanta mobilização. Todos foram orientados que os monitores não iriam mais a busca de nenhum fugitivo, apenas a família seria comunicada e que havia limites naquele campus que deveriam ser evitados como: as represas, além da cerca viva (cerca de arbustos), a entrada no estádio de futebol, etc. Já passara oito meses e neste tempo José tornara-se um dos mais amáveis e limpinhos. Falando em limpeza: qual a razão do José chegar pelas manhãs com aparência suja? O que deveria/fora feito?.

Toda a manhã começou-se a elogiar aqueles que vinham limpos. José chegava com um olhar desejoso quando via um coleguinha receber um elogio, mas ele não estava limpo, porém, a coordenadora dizia-lhe *“Amanhã quero lhe ver limpinho José!”* e seus olhinhos brilhavam de esperança. No dia seguinte a cena se repetia. O que acontecia? Se ele saía tão certo que iria vir limpinho e sempre chegava sujo!? *“José leve este papel e entregue a sua mãe, peça-lhe para vir aqui conversaremos sobre seu uniforme”* - falou a coordenadora. Quem veio fora o irmão mais velho de José. *“Professora, minha mãe não pode vir...”* Naquele dia descobriu-se que a mãe dele não vivia com eles, não dava nem uma assistência, que quem cuidava das roupinhas dele na maioria das vezes era ele mesmo. Ele lavava da maneira dele e por isso cada manhã ele esperava receber um elogio que não aparecia. Inúmeras foram as vezes em que José sonhara que aquele seria o dia do seu elogio, pois na cabecinha dele a sua roupa estava limpa.

Na manhã seguinte lá vem José sua roupa parecia mais limpa (quando olhamos com os olhos da contextualização, do conhecimento do entorno, com olhar sistêmico enxergamos uma realidade que nos degraliza (sentido de degraus) na escalada da educação pautada numa educação transformadora) embora fosse as mesma sujeiras dos dias anteriores. (O diferencial foi a maneira que a coordenadora tivera ao olhar à realidade daquele “José”). Era o momento em que um de seus colegas estava conversando com a coordenadora e ela dera um abraço após elogiá-lo, José presenciou a cena e com um gesto de simplicidade dar uma puxadinha na roupa da coordenadora como se falando: *“tô aqui!”*. A coordenadora olhando à baixo depara-se com um olhar profundo pedindo atenção ,então agacha-se e diz “só

um momento José!” ,dirige-se ao outro e pergunta-lhe porque está com os pés tão sujos e que se era possível os lavar no banheiro!. Logo volta-se para ver José e percebe que ele havia saído, vira-se para atender outro aluno, quando sente uma mãozinha puxar sua roupa e para surpresa era o José, olhando para coordenadora faz um gesto rápido com o olhinho, baixando a cabeça em direção aos pés e diz: *“Lavei meus pé!...”* E em questão de segundos o olhar da coordenadora pode contemplar as pegadas deixadas pelos pequenos pés daquela criança vindo da direção do banheiro, uma mescla de terra com água fazendo aquela típica “lambança”, até chegar a sua direção e culminar com os pezinhos que se confundiam com aquele caldo de sujeira que escorregava das finas pernas do José, comprovando que apenas foram mergulhadas em um balde de água que normalmente ficava no banheiro para eventuais emergências. O pezinho naquela sandália gasta não dava para saber a cor. Fora um momento como que de um quadro pintado o qual Salvador Dalí² não saberia pronunciar em sua arte surrealista. Um momento onde a surgeira que escorria daquelas perninhas aos pés, pintava a limpidez de uma alma infantil que no olhar clamava apenas por um elogio. O olhar do José encantava o seu sorriso que tonalizava novamente a sua frase: *“Tia lavei meus pé!”*. Como não dizer-lhe: *“José você está lindo! me da um abraço!”*. Dia a dia parecia que José aprendera a lavar suas roupas, pois ficava menos sujas. O olhar fez a diferença:

(...) É aquilo que diz Miguel Arroyo sobre o ter um novo olhar, descoisificar as pessoas, ver o aluno como gente, conhecer a história de cada um ter um olhar humano diante do outro, em especial a classe popular. Criar um elo, uma identificação, colocar-se, em alguma medida, do mesmo lado, não ver o outro como ameaça, acreditar na possibilidade de mudança, procurar entender as causas que levam a um eventual comportamento que desagrada ou que fere certas regras ou expectativas sociais. É bem mais fácil excluir aquele que não cabe no meu “padrão”, do que ter de acolher a diferença e mexer no “padrão”. (ARROYO, 1999, apud VASCONCELOS,2004, p. 27).³

²Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech, 1º Marquês de Dalí de Púbol (Figueres, 11 de Maio de 1904 — Figueres, 23 de Janeiro de 1989), conhecido apenas como Salvador Dalí, foi um importante pintor catalão, conhecido pelo seu trabalho surrealista.

³<www.claudemir.pro.br/.../Avaliaprocesso%20de20Inclu.doc> Acesso em 31 agos. 2011

“A maior violência que se pode fazer a um ser humano é negar-lhe a perspectiva de futuro a possibilidade de um vir-a-ser”. A educação é uma arte, uma técnica, uma interação e muitas outras coisas, mas é também, a atividade pela qual prometemos às crianças e aos jovens um mundo sensato no qual devem ocupar um espaço que seja significativo para si mesmo (TARDIF, 2002, p.182).

O ‘SABER’ DO OLHAR (TARDIF)

Vive-se atualmente em um sistema no qual o olhar é muito instável (SANTOS, 2009), onde a mínima flutuação da nossa percepção provoca rupturas na simetria do que se observa e do que se vive. Assim a capacidade de movimento em busca de transformação vinda desses olhares poderão causar quebras de paradigmas em especial nas áreas da educação, quando analisadas nas ações de um coordenador pedagógico.

Um olhar com saber exige além do que se ver. Na abordagem de Tardif (2002, p.11) não é uma coisa que flutua no espaço, está relacionado com a identidade com a experiência de vida e com cada história e com as relações traçadas com os alunos e todo entorno que envolve a vida do sujeito na escola.

Ele [Tardif] percebe que existe uma história de vida do educando e que esta deve ser levada em consideração no processo de aprendizagem dele [...] não equivale a assumir postura de concessão, ou de permissividade, utilizando-se essa história como explicação da facilidade ou dificuldade no processo de aprendizagem dele [...] implica assumir postura de compreensão com relação a essa história e saber como ela se cruza e entrecruza na forma de construir conhecimento e de aprender do educando, para que o educador, em conjunto com ele, possa ressignificá-la. (DOWBOR, 2008, p. 68).

Existem fios condutores que baseiam os saberes (TARDIF, 2002) que imbricam e implicam a esse olhar diferenciado por saber. Contudo nenhum deles se exclui da margem contextual do indivíduo. Não se pode falar em saber sem relaciona-lo ao contexto. ‘O saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer’.

No relato apresentado sobre a atuação da coordenadora, é possível identificar uma diversidade de saberes marcados pelos fios condutores apontado por Tardif (2002). Os fios condutores citados ao profissional da educação denotam: fio do conhecimento do seu cotidiano (é a entrega ao que se faz); fio do conhecimento da singularidade do sujeito por questão de identidade e subjetividade; fio do conhecimento da pluralidade do saber ao considerar saberes do outro; fio do conhecimento da experiência adquirida ao 'lidar com a situação'(que é o mais importante); o fio do conhecimento da interatividade (essencial) e o fio do saber repensar a suas ações e formação.

Fios de Tardif x Ações da Coordenadora

FIOS CONDUTORES DE TARDIF (2007)	AÇÕES DA COORDENADORA
1. <i>A pessoa do Trabalhador e seu Trabalho</i> .conhecimento do cotidiano, .dedicação ao que se faz	Atitude ao querer conhecer o contexto cotidiano do José: horários que chegava, onde morava, como era percebido naquele ambiente educativo
2. <i>Puralidade de Saber</i> .considerar os saberes existentes em outros .capacidade de lidar com outros saberes	Participar aos responsáveis a fuga de José Conduzi-los a participação por meio de chamados
3. <i>Temporalidade do Saber</i> .o saber não é estático .há uma singularidade nele	Considerar José como singular Ouvir suas afirmações e negações sobre... Perceber suas necessidades
4. <i>Experiência Adquirida</i> . o mais importante	Mobilizar a quebra de paradigmas modificando ações de agir, tratar, respeitos, etc. junto família, escola e do/com José
5. <i>Interatividade</i> .essencial	A coletividade nas ações principalmente nas de José foram essenciais a transformações
6. <i>Repensar Ações</i> .reformulações constantes	Repensar, refazer, criar, processos que resignifiquem o cotidiano, como códigos de convivência e limites foram importantíssimos naquele momento àquele espaço

Quadro elaborado pela autora

Não é apenas um olhar cheio de afetividade que diferencia, mais um olhar que incomode o observador ao ponto de fazê-lo buscar resignificado em suas ações. E esse tipo de olhar só é possível quando o educador (coordenador) enxergar-se por lentes que o faça quebrar seus próprios paradigmas (ROSSINI, 2005, p. 20). Assim não haverá uma agressão aos princípios da história de cada observado.

Deve-se ter o cuidado para não cair na "cegueira do conhecimento" (MORIN, 2005, p.19,20) crendo que pela afetividade, somente por ela, se chegará a uma mudança transformadora. Embora "a afetividade possa fortalecer o conhecimento pode também asfixia-lo". É contundente que se some a esse olhar o

cabedal de aprendizado de ambos, tanto do observador ao observado (da coordenadora ao José) como do observado ao observador (do José à coordenadora).

...O educador, já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo como o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos... (FREIRE, 2005, p. 27).

Nos olhares de alguns educadores, filósofos, sociólogos, em fim personagens do mundo da educação como seria visto esta história nas ações (“olhar”) da coordenadora a José?:³

- Sócrates observaria um mestre em busca da verdade, ajudando o discípulo a conseguir por si só. Fazendo-o conhecer a si mesmo, e ainda a necessidade do mestre de conhecer a si mesmo para atuar;
- Platão observaria as ações que fizeram o José “pensar no seu próprio pensar” quando fê-lo refletir sobre suas fugas, suas idas ao refeitório;
- Aristóteles salientaria no olhar da coordenadora as instruções à virtude percebendo o visível e não apenas as ideias platônicas;
- Locke colocaria que o José precisava ser “escrito” como uma tela em branco;
- Rousseau louvaria a liberdade como valor supremo para aquele momento, saudando a coordenadora em seu trabalho contextualizado e ainda afirmaria que a sociedade é que tornara o José como era;
- Pestalozzi diria que o poder dos sentimentos despertaria (como o fez!) o processo de aprendizagem na autonomia da criação;
- Freinet se encantaria ao presenciar a coordenadora indo e vindo ao refeitório, a horta, transformando aqueles momentos em um passeio, instruindo;
- Marx veria a potencialidade de aprendizagem do aluno na cooperação dele as atividades (experiências) propostas como ajuda pela coordenadora;

³NOVA ESCOLA. EDIÇÃO ESPECIAL. Grandes pensadores. São Paulo. n. 25. Julho, 2001. Fundação Victor Civita. Abril

- Montessori ,veria no olhar da coordenadora a sabedoria de observar um José gritando: *“ajuda-me a agir por mim mesmo!”*, pois “já nascemos com capacidade de ensinar a nós mesmo se nos forem dadas as condições”;
- Wallon não questionaria a essência da afetividade e os conflitos para aprendizagem;
- Piaget abordaria o olhar do entender que “criança não são adultos em miniatura”, na grandeza da coordenadora em pensar não no que José era mais no que se tornaria;
- Vygotsky aplaudiria quanto ao entendimento da zona proximal: o que ela faz sozinha e o que quase consegue fazer sozinha;
- Freire postaria a magnitude de ensinar José à leitura do mundo para poder transformá-lo...
- E o José? Como definiria o olhar da coordenadora sobre si?: *“a tia que olha pra gente como gente”, “ que me dar atenção”... “a tia que gosta de mim”, “a tia que me dar abraço e me ensina a lavar meu pé”...* Percebe-se que as definições são resultantes de história co-criadas, resignificadas e reescritas pelo sentimento de pertencimento. Possivelmente ninguém possa definir melhor as ações daquela coordenadora do que o próprio José. Quem vai contrapor com ele que a afetividade pode ser maléfica quando exagerada?! Quem vai dizer que não deve se referir a coordenadora como *“tia”*, pois isso ‘significaria retirar algo fundamental à professora (coordenadora) que seria a responsabilidade profissional de que se faz parte à exigência política por sua formação pensante’, como afirma Freire (1993, p.14). A questão do amor é algo que ainda é um grande mistério que inquestionavelmente tem se firmado a cada década, e estranhamente se confirma na ausência de si, pois quando não está presente o caos clama por sua existência. Possivelmente seja por que ele consegue transformar. “Quando vemos com o coração mudamos nossa visão sobre nós mesmos, o semelhante e o mundo. Despertamos para o que é real e verdadeiro na existência e nos permitimos viver como seres humanos”. (MARTINELLI, 1999, p. 11).

O desafio do educador que estar de corpo e mente aberta ao mundo é justamente o de aprender a olhar o mundo, as coisas, as pessoas, os animais, como as crianças olham (DOWBOR, 2008, p. 28). Isto só é possível quando ele, educador, se permite manter a criança interna existente em si. “Olhar de quem tem criança

interna viva é olhar cheio e não vazio, é olhar brilhante e não opaco, é direto e não evasivo”.

A ação daquela coordenadora humanizou José. Mas a pergunta mais importante seria: Em que contribuiu José para aquela coordenadora? Simples: Para inovar a sua consciência prática aos quatro pilares da educação (DELORS, 2001): Aprender a Conhecer, a Fazer, Conviver e a Ser. “O conhecimento não vem de fora, é um processo de construção e reconstrução interior. Não está nos livros, nos computadores, mas nas mentes das pessoas”.

A relação pedagógica é construída com o educando no dia-a-dia de sua prática. É nessa relação que educador e educando, mediados pelo que querem aprender e descobrir, experienciam-se como pessoas que pensam, sonham e desejam concomitantemente (DOWBOR, 2008, p. 67).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Usou-se uma abordagem qualitativa, pois possibilitou o contato e interação dos personagens e que facilitou na interpretação da situação apresentada, com o foco no processo e não na estrutura social.

(...) ao empregarem o método qualitativo estão mais preocupados com o processo social e não com a estrutura social; buscam visualizar o contexto e, se for possível, ter uma interação empática com o processo e o objeto de estudo que implique melhor a compreensão do fenômeno (NEVES, 1996, p. 2).

Dentro de um procedimento Bibliográfico, (utilizando materiais publicados que deram suporte ao estudo), utilizou-se a História Oral que junto a Narrativa Oral deram todo enquadre ao desenvolvimento. A coleta dos dados orais foi realizada através de uma conversa entre narrador e pesquisador. Não se busca a uniformidade absoluta, “(...) a padronização dos relatos, mas a riqueza que cada entrevistado tem ao contar – riqueza que não se traduz na extensão das falas, mas

às vezes na citação de um fato desconhecido, na descrição de um fato corriqueiro.” (DEMARTINI, 1992, p. 47).

A metodologia da História Oral possibilita ao observador, romper a cláusula acadêmica que transforma a entrevista em simples suporte documental, na pesquisa social e histórica, propiciando à mesma desvelar a riqueza do depoimento oral...

(...) a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contra poder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste grande drama ininterrupto [...] que é a História Humana.” (ALBERTINI, 1990, p. VIII).

Uma narrativa tem a função descritiva e avaliadora no sentido de oportunizar a reflexão sobre aquele momento, uma vez que o sujeito não relata simplesmente, ele reflete sobre, enquanto conta. O método de História Oral procura apreender os elementos gerais contido nas entrevistas, não objetivando analisar as particularidades histórica ou psicodinâmicas. Assim por mais particulares que sejam são sempre relatos de práticas sociais: da forma que se insere e atua no mundo e no grupo que faz parte (BERTAUX, 1980, p.69). Também ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito. Como afirma Brioschi (1987) ele é necessariamente histórico, em sentido, que, a temporalidade contida no relato individual remete ao tempo histórico; é dinâmico por apreender as estruturas de relações sociais e os processos de mudanças; é dialético, pois, teoria e prática são constantemente colocadas em confrontos durante a investigação.

Toda esta metodologia fora proporcionada com o observador inserido no contexto que segundo Neves (1996, p. 1): “... é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada, e a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados”.

Esse estudo elaborou-se em quatro momentos: em primeiro momento fora observado todo o contexto inerente ao objeto de pesquisa, para entender-se o que estava causando o tipo de comportamento (nesse caso específico o menino José);

em um segundo momento houve a preocupação de interagir com o aluno em suas atividades , desenvolvendo o senso de responsabilidade dele por meio de tarefas que o envolveria e o faria ser percebido (da mesma forma que era antes), agora, porém, de maneira positiva; em um terceiro momento interagiu-se com a família criando situações onde houve-se participação em construções coletivas de projetos e resignificando a disciplina no sentido de limites; e por fim reuniu-se todo este cabedal de informações neste registro onde ponteu-se com alguns teóricos que empoderaram a importância dessa habilidade do olhar na visão da coordenadora e na receptividade do José.

Como resultado pautou-se a importância das ações coletivas, a coparticipação de ambos (observador/coordenadora e observado/José) na co-construção de senso de pertencimento inexistente no início e a construção de um plano de ação pautado no observado como espelho às ações posteriores a este estudo, tanto no âmbito interno (com os funcionários) como no externo com a participação da família e comunidade.

Pertinente salientar que o nome “José” é uma representação de muitos “Josés” que existem naquele local e num vasto campo educacional. O nome verídico fora preservado por questões éticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o olhar é posto sob as lentes da empatia é possível se observar aflorar o sentimento de pertencimento tanto no observado como no próprio observador. Trazendo um leque de ideias que desfragmentam e quebram paradigmas. É uma questão de desfragmentar o próprio ‘eu’, pois,

...a elaboração de novas ideias depende da libertação das formas habituais de pensamento e expressão. A dificuldade não está nas novas ideias, mas em escapar das velhas, que se ramificam por todos os cantos da nossa mente. (KEYNES, apud VASCONCEOS, 2007, p.11).

E com o olhar inerente ao conhecimento do saber nos fios que o enlaçam, dito por Tardif (2002, p. 180) pode-se observar (na coordenadora) uma postura de sapiência plasmada pelas ações da prática educativa restauradora. Onde os quatro pilares da educação ganham um sentido mais subjetivo e resignificativo nas ações do profissional.

Teóricos, estudiosos, filósofos, etc., tem seus conceito sobre os olhares à educação, porém nem um é mais forte e real do que aquele construído e co-construído, por cada participante da ação.

Assim como diz Rubens Alves (2003, p.14) a educação trará na criança o senso de si mesmas. A habilidade de olhar requer o conhecimento da essência humana como algo a ser cuidado e valorizado. O conhecimento que cada um traz soma ao coletivo. É o conhecimento inerente aprendido com a vida. E que quando participado traz o sentimento de ‘aprendendo a reaprender’. Rubens Alves principia esta ótica ao falar sobre a importância que deve-se dar a conhecimentos aprendidos fora do ambiente escolar:

Ela era professora universitária. Passara direitinho pela escola. Ensinarão-lhe física elétrica, watts, volts, ohms, circuitos e motores. Tudo no papel. Era preciso para passar no vestibular. Não estava mais na sala de aula, estava na sala de sua casa, onde aconteceu. As lâmpadas se apagaram. Sentiu-se perdida. A escola não lhe ensinara o que fazer na sua casa. Lembrou-se de que o pai, quando as lâmpadas se apagavam, trocava um fusível. Apelou para o filho de oito anos: “onde estão os fusíveis?” O menino respondeu: “não tem fusível não, mãe. É disjuntor.” A mãe não sabia o que era disjuntor. Perguntou se fora na escola que aprendera aquilo. O menino disse que na escola não se ensinavam essas coisas de casa. Aprendera com o pai. Aí o menino foi até caixa dos disjuntores, viu o que tinha caído, ligou-o de novo e a luz voltou. (ALVES, 2003, p. 64).

Metaforicamente pode-se dizer que o “aluno traz a luz” quando chega com sua bagagem. E aqueles que os recebe na maioria das vezes confundem ‘fusíveis com disjuntores’ ou até mesmo nem sabem o que são disjuntores. Matoan (2001, p. 172) afirma que toda pessoa é única e diferente. Daí a importância de ressaltar as diferenças e valores de cada um, afirmar a pluralidade no convívio, recuperar a dignidade, resgatar o valor das minorias, exercitar o respeito para com

cada ser. Assim o olhar terá uma habilidade que mudará todo um entorno envolvido na formação de alguém.

Esta interferência pedagógica resultou na aproximação dos profissionais às famílias, as quais sentiram-se mais pertencentes aqueles ambientes e devido o sentimento de acolhimento passaram a colaborar ativamente nos processos de resgate disciplinar juntos aos filhos. A contribuição da coordenadora por meio de suas habilidades no olhar, trouxe a implantação de um atendimento especializado (psicóloga, assistente social, psicopedagoga) naquele espaço educacional, ao qual é encaminhado todos os “José” que se observa ser necessário acompanhamento.

Rubens Alves no prefácio do livro Quem educa marca o corpo do outro (de DOWBOR), cita que um educador não se faz apenas com conhecimento dos saberes das ciências da educação. Faz-se com qualidade como: bondade, paciência, capacidade de ouvir o aluno em silêncio sem dar resposta que matariam o seu pensamento, que tem a capacidade de sonhar seus próprios sonhos e os sonhos dos alunos, que tem coragem de dizer “não sei...”. Sabendo que assim o aluno aprenderá que o mestre é também um aprendiz.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral – A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Laurinda Ramal de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (org.). **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ALVES, Rubens. **Conversa sobre educação**. Campinas. São Paulo: Verus editora, 2003.

BERTAUX D. **L’approche biographique: sa validé méthodologique, ses potentialités**. Cahiers int sociol 1980.

ARROYO, Miguel G. **Experiências de Inovação Educativa: o Currículo na Prática da Escola.** In: MOREIRA, Antonio Flávio B. (org.). Currículo: Políticas e Práticas. Campinas: Papirus, 1999.

BRIOSCHI LR, Trigo MHB. **Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas.** Ciênc. e Cult 1987.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Superação da Lógica Classificatória e Excludente: a Avaliação como Processo de Inclusão** In: III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE ARCOS, FEV 2004, MG. **Texto.** Minas Gerais: [s.n.], 2004.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Trabalhando Com Relatos Oraais: Reflexões a Partir de Uma Trajetória de Pesquisa – Reflexões Sobre a Pesquisa Sociológica,** Coleção Textos, n.º3, São Paulo: CERU, 1992.

DELORS, Jacques. **Educação: Um Tesouro a Descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI - 6 Edição. São Paulo: UNESCO, MEC, Editora Cortez, Brasília, DF, 2001, p. 82-104.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOOLISHIAN, H. e ANDERSON, H. **Narrativa e Self: Alguns Dilemas Pós-Modernos da Psicoterapia.** In: SCHNITMAN, D. F. (org.) Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre, 1996.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos.** São Paulo: Petrópolis, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: Características, uso e possibilidades.** Disponível em: <[http://: www.Google.com.br](http://www.Google.com.br)> Acesso em: 17 jun. 2011.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Educar pra ser.** Petrópolis, R.J: vozes, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 6 edição. São Paulo: Cortez, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Maria José Esteves. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. 6ª edição .Campinas , SP: Papyrus, 2007.